

Escre(vi)vendo como Metodologia: Naturezas da gente para a Conservação dos Nossos

Pammella Casimiro de Souza^{1,4,5,6}, Camila Reis Tomaz^{2,4,5,6}, Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano^{3,4,5}

1 Bacharel em Ciências Ambientais (UNIRIO) **2** Mestra em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO) **3** Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO) **4** Pesquisadoras do NUREG UFF (Núcleo de Estudos Resistência e Globalização/ GT Pesquisa e(m) Ação) **5** Coordenadoras do Grupo de Estudos Saberes de Fresta - GESF/UNIRIO de Fresta - GESF/UNIRIO **6** Pesquisadoras no Núcleo de Estudos Cultura Popular e Sociedade (NECPS/UFRJ)

Introdução

No meio acadêmico, a Escrivência pode ser um caminho para contarmos a nossa própria história, do corpo preto e/ou subalternizado, que durante anos teve seu Lugar de Fala (RIBEIRO, 2019), de Escuta (CRUZ, 2021; XAVIER, 2021) e de atuação dentro das universidades negado. Para isso, utilizamos de “perguntas conflituosas”, ou seja, que fazem a academia sair da zona de conforto, provocando reflexões para além do imaginário (COSTA, 2021) construído por instituições (focando aqui no ensino universitário, chamado de “superior”) que reproduzem uma educação bancária (FREIRE, 2016), racista e colonizadora.

A partir da pesquisa de monografia intitulada “Escre(vi)vendo a Baixada: (des)estruturação do Racismo Ambiental no bairro de Campos Elíseos”, realizada no Curso de Ciências Ambientais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), podemos perceber no uso das Escrivências do cotidiano, da história oral e das memórias construídas pelo mover entre os territórios, o costurar de diversos conceitos apresentados durante as várias fases desta pesquisa, realizada em conjunto na graduação (CASIMIRO, 2021) e na pós-graduação. Na dissertação “Encruzilhadas Geopóéticas na Conservação da Natureza: Territorialidades e Guardas-parques em Território Cunhambebe”, realizada no curso de mestrado profissional do Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO), as Escrivências são abordadas junto a cultura oriunda das relações territoriais, cruzando as políticas públicas e literaturas com as perspectivas dos guardas-parques do Parque Estadual Cunhambebe (REIS, 2021).

Em ambas as pesquisas, a Escrivência é utilizada como método de geração de dados situados, a fim de construir práxis e reformular conceitos com a preservação da singularidade dos sujeitos, territórios e suas leituras da Natureza. Nela, se entende como Natureza sujeitos, elementos bióticos, abióticos e os espaços que eles ocupam, produzem e/ou alteram. Logo, trabalhando a ideia de uma Conservação da Natureza que vai de encontro para além do verde, mas incluindo também a cultura e práticas espaciais que tornam todo território um espaço único. Dessa forma, as Escrivências são utilizadas como método de geração e/ou reconhecimento, análise e correlação de dados (CASIMIRO, 2021; REIS, 2021).

Com a utilização de dados descritores de realidades de quem vive, trabalha e/ou pesquisa a leitura das paisagens e expressão dos signos tradutores dessas paisagens palpáveis, através da Escrivência é possível pensar leituras distintas para a relação entre Humanidade e Natureza. Isto é, a partir de dados gerados pela escrita de corpos pretos periféricos, podemos compreender e reconhecer uma Natureza real, ao alcance dos olhos, na cidade ou em áreas protegidas. Ou seja, que não se limita a parques, praias e florestas como única forma de se experimentar a Natureza possível. Destaca-se que este cenário idealizado de contato com a Natureza por meio da visita à Unidades de Conservação,

Correspondente:
pamicasimiro@edu.unirio.com

Citação: Casimiro P, Reis CT, Ponciano LCMO (2021) Escre(vi)vendo como Metodologia: Naturezas da gente para a Conservação dos Nossos. *Ecoturismo & Conservação* 2(1) p. 117-134.

Recebido: 7 de setembro, 2021
Aceito: 14 outubro, 2021
Publicado: 20 dezembro, 2020

Copyright: © 2021 Souza *et al.*

por exemplo, é muito distante da vivência da maioria da população preta e/ou de baixa renda. Na Escrivência, trazemos a oralidade daqueles que nos antecedem, assim como as forças de expressão, transcritas do que vivemos diariamente. Somos então levados a refletir de uma maneira crítica como conservar a Natureza lida como “disforme” por aqueles que somente reconhecem como meio natural o supostamente intocado e não transformado, o que muitas vezes é o inverso dos espaços antropizados que compõem os territórios periféricos.

A conservação dos espaços marginais parte da necessidade, assim como do entendimento do “manter para ter”, da sobrevivência cotidiana, onde a conservação da vida humana não é separada da conservação das outras formas de vida (numa visão ampliada que abrange inclusive os elementos “abióticos”), ou seja, que conserva a Natureza de forma integrada. A visita que era feita a locais de beleza cênica, com ar mais limpo que nos grandes centros urbanos e com vasta oferta de água pura, sempre presente nas histórias dos antigos como passeios que faziam aos arredores das suas casas, para tomar banho de rio e subir o morro para ver o pôr do sol, dificilmente se repete atualmente nas margens dos centros urbanos, por conta de diversos fatores como violência, poluição e má gestão territorial. Com isso, refletimos por meio da Escrivência que a necessidade de se incluir nas pesquisas sobre a Conservação da Natureza a importância de práticas periféricas sob o olhar antiracista contribui para o desenvolvimento e alargamento de formas mais integradas de se habitar o mundo de um modo geopoético, sendo um corpo-território não branco e periférico.

Reconhecendo a necessidade de um resgate da relação de respeito e pertencimento da Humanidade à Natureza, algo inerente da qualidade de vida humana, mas que com o passar do tempo a civilização branca e ocidental fez com que esqueçamos da conexão que temos com a Terra (MENÉNDEZ, 2018), se faz necessário aguçar os estímulos para a imaginação de novos mundos, onde a relação com o ambiente que nos cerca não seja visto apenas como uma maneira de sobrevivência, mas como uma expressão e extensão do nosso ser (COSTA, et al., 2021).

Como um corpo-território (MONDARDO, 2009) preto e periférico, essas pesquisas nascem da vontade de trazer à superfície as memórias que confluem (LEAL, 2019), e muitas das vezes forjam os conceitos acadêmicos que foram negados aos corpos-territórios de sujeitos não-brancos (CASIMIRO, 2021). Por sua vez, estes são constituídos pela coletividade, integrados à Terra e entrelaçados a conflitos, e é esse trânsito de ações contribuintes que faz com que estes sejam dotados de territorialidades (HAESBAERT, 2004) construídas por onde passam.

Essa cartilha tem por objetivo ser um material didático que auxilia as pessoas a utilizarem a Escrivência (EVARISTO, 2017) em um formato mais próximo a um uso acadêmico da linguagem (XAVIER, 2019) e como ferramenta de luta e ação por uma Ciência mais ampla (BARTHOLL, 2021). Utilizar da Escrivência na academia é parte da construção de uma pesquisa/escrita militante (BARTHOLL, 2018). É se posicionar como sujeito e, dentro da sua militância, exercer o direito de fazer pesquisa como forma de luta, de falar e de ser ouvido

Ao trazermos as narrativas de Dona Zenilda e Terezinha (minha avós), dos becos e memórias (EVARISTO, 2017), do Yoga Marginal (ANTONIO, 2017), quintais (CASIMIRO, 2021), montanhas (CRUZ, 2021) e Cunhambebe (REIS, 2020; 2021), assim como o olhar de uma Escrivência Geopoética (LOPEZ, NJERI, PONCIANO, 2019), abrimos caminhos e viabilizamos que a oralidade e ancestralidade cheguem e se perpetuem através da escrita.

Segundo Rachel Bouvet (2012), a Geopoética possibilita um novo jeito de enxergar o mundo e suas relações, partindo de uma abordagem poética e reflexiva, criando novas práticas de descrever, sentir e habitar a Natureza. A aproximação da Escrivência com a Geopoética contribui para uma análise das diversas formas de relações sensíveis e afetivas dos seres humanos com a Natureza (PONCIANO, 2018).

Temos a Escrivência como forma de trazer a autoria baseada na própria história, sujeito pesquisado e em pesquisa. Assim sendo, esse material didático já começa com um resultado oriundo da falha de um plano racista de impedir o corpo não-branco de ser a voz da própria fala. Por meio de

análises dos corpos-territórios e quintais, periféricos e formadores de saber, propomos uma forma positiva de inclusão e permanência dos mesmos no ensino superior, performando uma ciência afetiva e contra-hegemônica que se espera tornar realidade.

Com isso, precisamos destacar que o corpo preto não fala por si só, não escreve por si só. Ele traz consigo aqueles que não podem ou querem falar, assim como aqueles que não chegaram.

Como forma de devolver o “privilegio”, constituído por lei e que deveria ser direito e acesso de todos, e (re)existir, em conjunto com a Professora Doutora Luiza Ponciano e a Mestra Camila Reis, elaboramos uma cartilha que auxilia e apresenta a Escrivência como método e/ou metodologia para ser utilizada dentro dos espaços formais de educação, como um respaldo e forma de trazer a oralidade e corpos outros de uma maneira aceita e referenciável. Ou seja, a cartilha tem seu uso para a introdução da Escrivência como escrita científica para o corpo marginal. A proposta de que o sujeito seja o autor da própria pesquisa, história e narrativas surgiu da prática e do dever, como corpo preto, de compartilhar o conhecimento com os nossos, e do desenrolar de Pesquisa-militantes, Racismos Ambientais e Encruzilhadas Geopoéticas na Conservação da Natureza, ou seja, de nós para nós.

Apresentando a Escrivência como uma “potência da escrita (po)ética de novas maneiras de existir que não aquelas instituídas pelo período histórico escravagista e colonial, mas buscando a criação de um campo simbólico que entrelaça história, memória, experiência” e neste caso, as ciências (BAROSSO, 2017, p. 23). Tendo isso em mente, trazemos como proposta uma autoanálise de como escrever e contornar as contradições das universidades, majoritariamente onde ainda predomina uma escrita branca e opressora, sendo um corpo não-branco. A proposta é realizar este feito refletindo constantemente sobre quem são as nossas referências, para quem falamos, por que falamos e com qual intenção.

A cartilha traz dicas de como passar nossas pesquisas da oralidade para a escrita, e reafirmar que tal movimento é caminho e existência, pois assim como Conceição Evaristo (2017) diz, nossa voz, seja ela escrita ou falada, não é mais para embalar o sono dos injustos, mas sim para os acordar dos seus sonhos perversos.

Como embasamento teórico e referencial de atuação, utilizamos a Conceição Evaristo (2017), que nos presenteia com a conceituação da prática da oralidade para a escrita, junto com Giovana Xavier (2019), que facilita essa abordagem para o meio acadêmico. Timo Bartholl (2018), Camila Reis e Luiza Ponciano (2020) teorizam a prática da pesquisa-ação e militam para a criação deste material didático. Para sua construção, utilizamos os métodos de levantamento bibliográfico, análise de vídeos e a própria Escrivência das duas primeiras autoras.

O projeto traz em si a finalidade de transmitir as singularidades presentes nos corpos discutidos representados nesta pesquisa, utilizando-se da Geopoética (WHITE, 2014) para que, em conjunto com a Escrivência (EVARISTO, 2017) e Pesquisa-Militante (BARTHOLL, 2018), possa desvelar as narrativas de resistência de corpos-territórios “outros” que ocupam as universidades.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão-PIBEX pelo apoio aos projetos de extensão realizados pela equipe do GeoTales, que participaram da realização das atividades que embasaram o presente trabalho.

Referências

- | | |
|---|---|
| ANTONIO, T. F. Meditação como caminho para uma educação ambiental cotidiana em espaços escolares de regiões periféricas. 2017. 80 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Ambientais)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. | BAROSSO, L. (Po)éticas da escrivência. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 51, p. 22-40, 2017. |
| BARTHOLL, T. Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro: Consequência, 2018. | |

- BARTHOLL, T. A Ciência como ferramenta de luta. 2021. Debate em vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/Qt0E9T0meC4>. Acesso em: 15 de julho de 2021.
- BOUVET, R. Como habitar o mundo de maneira geopoética? Interfaces Brasil/Canadá, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012.
- CASIMIRO, P. S. Escre(vi)endo a Baixada: (des)estruturação do Racismo Ambiental no bairro de Campos Elíseos. 2020. 109 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- COSTA, R. N. et al. Imaginamundos: a importância do ato de imaginar como apropriação e ressignificação de si e do mundo. In: COSTA, R. N.; SÁNCHEZ, C.; LOUREIRO, R.; SILVA, S. L. P. Imaginamundos. Interfaces entre educação ambiental e imagens. Rio de Janeiro, Nupem, 2021. pp. 27-43.
- CRUZ, L. R. As montanhas falaram alto, eu, da escola respondi: uma escrevivência geopoética para a conservação da natureza. 2021. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- EVARISTO, C. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004.
- LEAL, N. S. et al. Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Nego Bispo. Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, v. 2, n. 1, p. 73-84, 2019
- LOPEZ, M. L. O. C.; NJERI, A.; PONCIANO, L. C. M. O. Luas de Ashanti: as escrevivências geopoéticas no ensino de Biologia. In: 7º JORNADA DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DO MAR, p. 193-198, 2019.
- MENÉNDEZ, I. G. Experimentar-se natureza: proposta de práticas para o encontro. 141 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Ecoturismo e Conservação, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- MONDARDO, M. L. O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009.
- PONCIANO, L. C. M. O. Geotales: Narrando as histórias petrificadas pela terra. Revista sentido da cultura, v. 5, p. 34-48, 2018.
- REIS, C. T.; PONCIANO, L. C. M. O. Resistência Cunhambebe: da colonização ao apagamento histórico In: I Congresso Científico Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais, 2020.
- REIS, C. T. Encruzilhadas Geopoéticas na Conservação da Natureza: Territorialidades Guardas-Parques em Território Cunhambebe. 2021. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- RIBEIRO, D. Lugar de fala. Pólen Produção. Editorial LTDA, 2019.
- WHITE, K. O grande campo da geopoética. 2014. Disponível em: <http://institutgeopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- XAVIER, G. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história! Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- XAVIER, G. Futuro da Educação. 2021. Debate em vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/BC8nxOhOxA8>. Acesso em: 5 ago. 2021.

**ESCRE(VI)VENDO COMO METODOLOGIA:
NATUREZAS DA GENTE PARA A
CONSERVAÇÃO DOS NOSSOS**



foto: Google Imagens

ESCRE(VI)VENDO COMO METODOLOGIA: NATUREZAS DA GENTE PARA A CONSERVAÇÃO DOS NOSSOS

Pammella Casimiro de Souza

Camila Reis Tomaz

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO –
PPGEC/UNIRIO**

**GRUPO DE ESTUDOS SABERES DE FRESTA -
GESF / UNIRIO**

1ª Edição
Campos Elíseos, Duque de Caxias
Rio de Janeiro

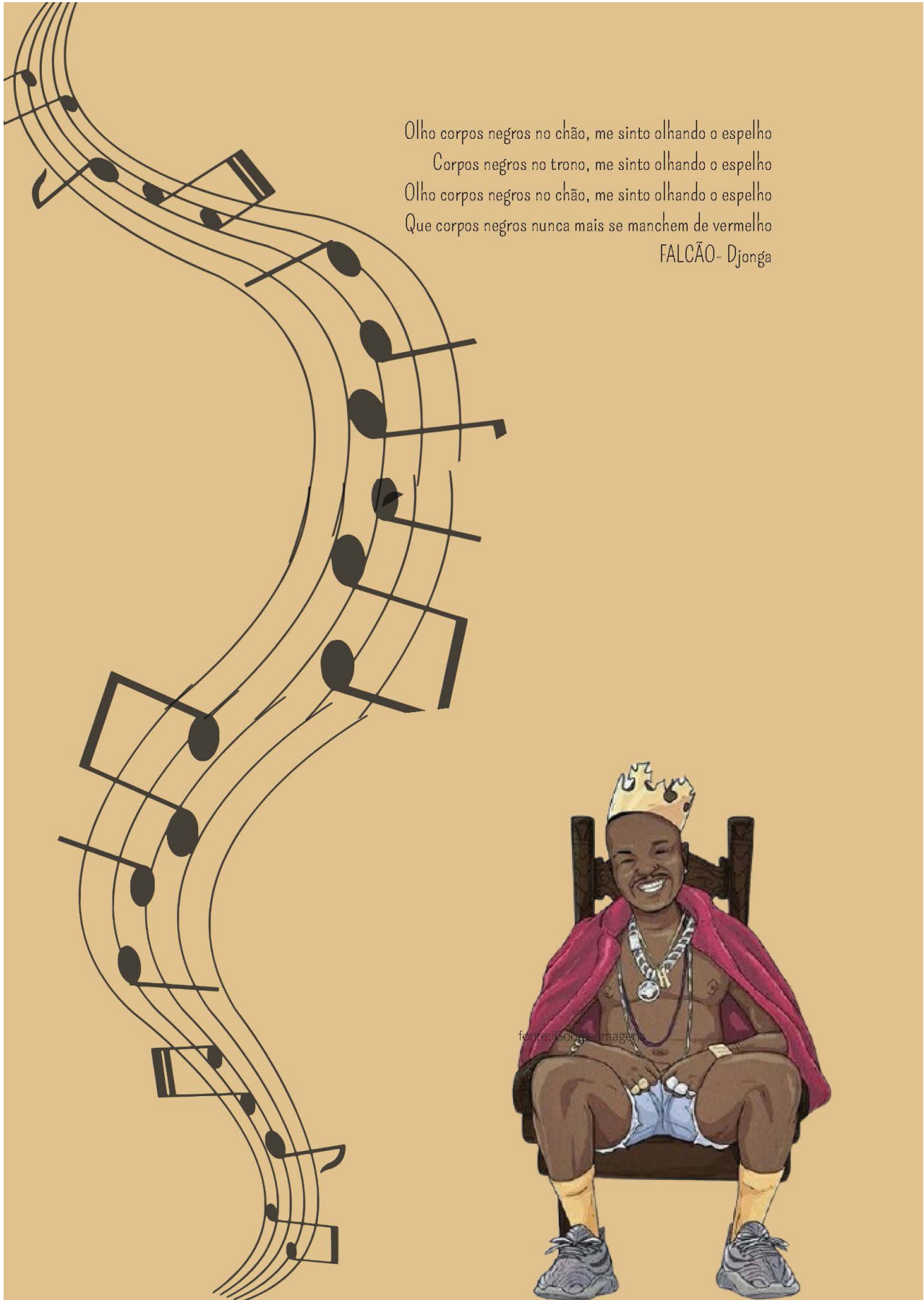
2021



Grupo de Estudos
Saberes de Fresta



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho
Corpos negros no trono, me sinto olhando o espelho
Olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho
Que corpos negros nunca mais se manchem de vermelho
FALCÃO- Djonga

Escrevivência como método e metodologia

Pode-se dizer que a metodologia é a escolha que rege o caminho de um trabalho e o método é a soma de escolhas mais objetivas para realizar essa trajetória, ou seja, as técnicas de geração, análise e tratamento dos dados. Ao meu ver, a escrevivência pode ser usada tanto como metodologia, ao se mostrar presente em todas as sessões do trabalho e reger as escolhas de palavras, como linguagem e ao trazer explicitamente o sujeito que escreve ao longo do texto. Podemos entender como método quando utilizamos de maneira mais direcionada a um único capítulo, como por exemplo na introdução ou resultados, não necessariamente dialogando com o texto como um todo.

Metodologia é o caminho que será seguido em toda a execução do projeto, a implementação de planejamento do que precisa ser executado e em que ordem; já o **método** é um modo de colocar em prática alguma ação específica, em alguma parte pontual do projeto. A diferença entre método e metodologia está no grau: enquanto a primeira executa uma ação, a segunda planeja todas elas.

Fonte: artitia

A palavra método está ligada a caminho, modos de proceder a fim de atingir determinado objetivo. Já o termo metodologia representa uma ciência cujo objetivo está ligado ao estudo do método. Em outras palavras representa um campo de estudo que visa buscar os melhores métodos a fim de que se produza o conhecimento

Fonte: Portal Educação.

COMO COMEÇAR A FAZER?

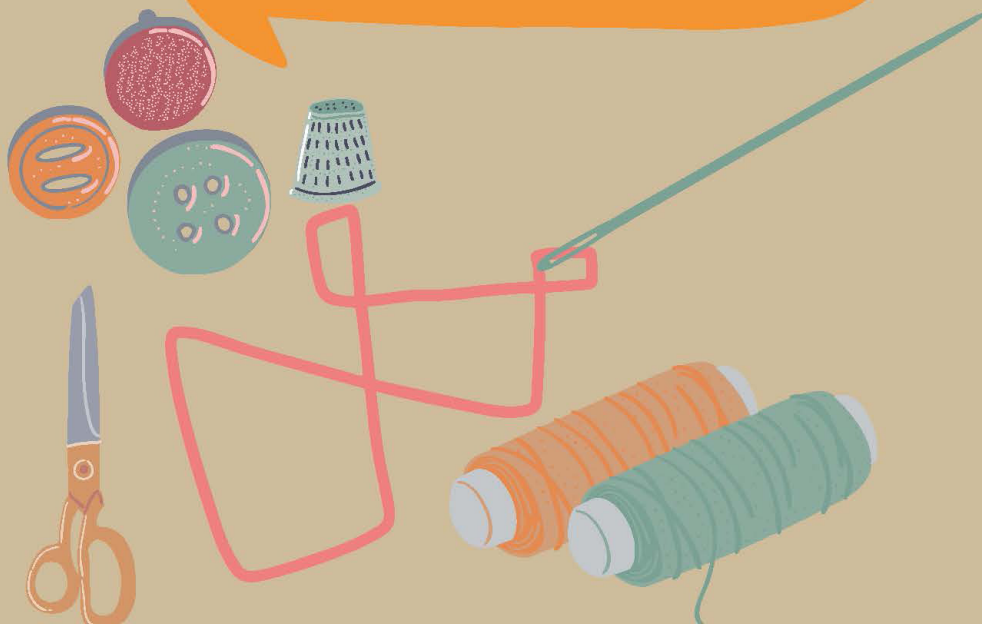
O primeiro passo para fazer escrevivência é pensar quem é Nós. Quem é ou são o nós que estou trazendo para minha escrita. Seguido de pensar com quem e para quem estou falando, a quem quero comunicar. E igualmente importante é saber ouvir. Ouvir o que nos antecede, aquelas e aqueles que nos cercam e nos ouvir. Utilizar a memória de algum acontecimento característico para xs nossxs como forma geradora de dados. Resgatar memórias, confrontar a memória, e ler as memórias. É caracterizar o verbo, dar nome, dar endereço e reescrever a história. **A escrita passa pelo inconsciente e materializa o subjetivo, não é dura, mas fluida.** Sempre cuidando para não retirar a marca da oralidade das pessoas que nos envolvem e contribuíram com a nossa pesquisa. É não ser impositivo e ter em mente que escrever é a escrita de nós, ou seja, através das nossas palavras vamos trazer a realidade daqueles que foram, por algum motivo silenciados e/ou não podem falar. Como diz Conceição Evaristo, a escrevivência não se esgota em si, ou seja, ela não começa e nem acaba com quem tá segurando o lápis. A escrevivência é coletividade.

ESCREVIVÊNCIA COMO MOVIMENTO PARA UMA PESQUISA MILITANTE

Assim como nas pesquisas militantes de Timo e Camila, acredito que utilizar-se da escrevivência na academia é parte da construção de uma pesquisa/escrita militante. É se posicionar como sujeito e, dentro da sua militância, exercer o direito de fazer pesquisa como forma de luta, de falar e de ser ouvidx. Do seu território, para o seu território e no seu território. Conquistando espaços que antes não servia e que seu corpo não refletia. Acredito que o ato de ocupar a academia sendo corpo preto e/ou periférico já é um movimento que pode ser o início de uma agenda de pesquisa militante, mesmo que assim não seja nomeado. Mas contar, registrar através da escrita e da oralidade e tantas outras formas, uma história de corpos que antigamente era contada pelo colonizador. Falar é um ato de resistência e deixar registrado, de existência. Para falar sobre nós através do eu, o que para mim também configura uma pesquisa militante pelxs corpos pretos e suas, nossas, histórias. Não precisa se descobrir para ser! Já somos, existimos e resistimos antes de escrever. Mas escrevemos para que mais possam se descobrir ser também. O colonialismo não acabou, só mudou de forma. E como a nossa escrita contribui ou confronta ele?

COSTURAS

Existe a possibilidade de costurar a escrevivência com outros conceitos e métodos de geração de dados. Como por exemplo, utilizar a nossa escrita de nós para exemplificar dados disponibilizados pelo governo ou aproximar um conceito que está distante dos nossos por como foi descrito pelos que o definiram. A escrevivência pode servir como ponte entre a academia e aqueles que não se encaixam dentro de um saber branco, racista e hegemônico, o qual chamamos muitas das vezes de formal ou superior.



CAMINHOS E DESAFIOS

Os caminhos são felizes mas também nos trazem desafios. O primeiro caminho que podemos citar é aquele que a gente cruza com toda a nossa própria história. Não há nada como contar a história de nós. É falando de nós que a gente encontra o eu. É sobre a possibilidade física e psicológica de estar em vários lugares ao mesmo tempo e se ver no outro. E com isso o primeiro desafio. Quem não está acostumado a ser lembrado, muito menos citado, pode encontrar dificuldades quando se vê precisando falar de nós, da gente, ser a coletividade em forma de um pode dar medo. Como contar nossa história se tem parte que nem conhecemos? Tem período da história que a gente nem conhece. É quando vemos que isso tudo é resultado de um projeto muito bem pensado para que a gente não tenha acesso a essas informações, e afastar a gente de falar da gente.

DICAS

Falar em voz alta



Gravar a sua história



Ouvir mais



Ser e Fazer história



Lembrete!

A escrevivência não é sobre o eu, é sobre o nós! Sobre a gente. Sobre o corpo preto, do homem preto, da mulher preta, do menino e da menina preta. De todxs aqueles que carregam a minha história e a nossa história.

A escrevivência ela não é necessariamente feita somente por palavras. O corpo é nosso primeiro território e podemos utilizá-lo para contar o que precisamos falar.

PARA PENSAR...

Quem são suas referências? Suas formas de análise? Não tem como ler/fazer com a mente de colonizador! Mas como se libertar desse processo? Como descobrir quem sou quando a nossa história não foi/é apresentada?

Quem pode de fato escrever? Utilizar a escrevivência de forma acadêmica?

Quem sou eu quando escrevo?

Para quem eu escrevo?

Quem é nós no momento que sou eu?



INDICAÇÕES



Vídeos do Youtube

Escrevivência - Episódio 01 da série Ecos da Palavra

A marca da oralidade - Episódio 02 da série Ecos da Palavra

Estética e ideologia - Episódio 03 da série Ecos da Palavra

Mediação de leitura - - Episódio 04 da série Ecos da Palavra

Universalização dos afetos - Episódio 05 da série Ecos da Palavra

Sem tradução - Episódio 06 da série Ecos da Palavra

Mulheres negras - Episódio 7 da série Ecos da Palavra

Arte da palavra - Episódio 08 da série Ecos da Palavra

Direito à palavra - episódio 09 da série Ecos da Palavra

Escrevivência e narrativas de si: resistências da negritude

CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência

Seminário A Escrevivência de Conceição Evaristo: primeiro dia

Conferência de Abertura com Conceição Evaristo: Negras Escrevivências

Live ANPed 11/11: Retransmissão da Conferência "Negras Escrevivências"

Aula Inaugural com Conceição Evaristo

A ciência como ferramenta de luta - com Timo Bartholl (UFF)

Hoje, a escrita da mulher negra não tem essa função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.

Conceição Evarista



Fonte: Imagens do Google

Referências

Dona Terezinha Casimiro de Souza (In memoria)
 Dona Zenilda Ribeiro da Costa
 Prof. Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano
 Camila Reis Tomaz
 Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF)

Artia. **Método e metodologia de projetos: entenda a diferença.** Disponível em: <<https://artia.com/blog/metodo-e-metodologia-de-projetos-entenda-a-diferenca/#:~:text=Metodologia%20C3%A9%20o%20caminho%20que,alguma%20parte%20pontual%20do%20projeto>>.

EVARISTO, C. **Becos da memória.** 3a ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

MONDARDO, Marcos Leandro. **O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009.

PORTAL EDUCACAO. **Método e Metodologia.** Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/metodo-e-metodologia/38219>>.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL, Juliano. A **ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO RECONSTRUÇÃO DO TECI-DO DA MEMÓRIA BRASILEIRA.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 20, p. 2, 2019.

XAVIER, G. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história!** Rio de Janeiro: Malê, 2019.

